

EAD e interatividade - conceitos em evolução

Luci Ferraz de Melo

Resumo:

A partir do universo empresarial e de seus programas de sustentabilidade, especificamente de educação corporativa no formato de ensino a distância, este texto tem por finalidade estimular a reflexão sobre a correlação entre o surgimento das tecnologias digitais, a evolução do conceito de interatividade / dialogicidade e a conseqüente modificação do papel do professor, que deixa de ser principalmente um transmissor de conteúdo, para ser um fomentador e estimulador de reflexões em sala de aula, agora também chamado educador.

Palavras Chave:

educomunicação, educação corporativa, interatividade, dialogicidade, ferramentas digitais.

Abstract:

Based on distance learning courses used by corporate education programs, this text aims to discuss the connection between digital technologies, evolution of interactivity/dialogue and consequent change of teachers functions, who are now “educators”. They are not the unique messengers of the content anymore, they are now mediators of the educational process, who foment the reflection and interactivity near the participants of the course, in order to stimulating the construction of knowledge.

Keywords:

educommunication, corporate education, interactivity, dialogue, digital tools

A Era da Informação e a Educomunicação

A Era da Informação e o surgimento constante de novas tecnologias têm sinalizado para a importância de uma reflexão epistemológica mais detalhada sobre os processos comunicacionais que norteiam as relações da sociedade, especialmente em função das mudanças observadas junto ao tecido social no campo de práticas culturais ao longo do último século. Não se trata de uma definição simples e clara de ser entendida, mas de um estudo que perpassa transversalmente diversos campos de estudo, como a Educação, a Psicologia, a Sociologia e a própria Comunicação, entre outros.

A pós-modernidade tem se estabelecido através do desenvolvimento dessas novas tecnologias, as quais trazem para o dia-a-dia das pessoas uma avalanche de informações, imagens, sons, linguagens, transformando todas as formas de se aprender e conhecer. Castells (1999) cita Françoise Sabbah para analisar essas novas tendências:

“...a nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada que, embora maciça em termos de números, já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. A nova mídia não é mais mídia de massa no sentido tradicional do envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea de massa. Devido à multiplicidade de mensagens e fontes, a própria audiência tornou-se mais seletiva. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim aprofundando sua segmentação, intensificando o relacionamento individual entre o

emissor e o receptor” (Castells, 1999, p. 242).

Couchot (1994) já destacava a necessidade de se modificar o olhar sobre os princípios fundamentais dos processos comunicacionais, no sentido de observar que a significação da mensagem já não pode mais ser entendida como simples resultado da produção da enunciação, transmissão e recepção alternadamente, mas pelo que chamou de hibridização entre aquele que chama de enunciador, o enunciado veiculado e o destinatário. Ou seja, com a Era da Informação, ora o sujeito é receptor, ora é emissor.

Martin-Barbero (2005) vem alertando que o surgimento das novas tecnologias digitais propiciou o aparecimento de novas fontes de saber que não apenas a escola. Aponta a necessidade urgente de se repensar as obrigações e metodologias educacionais dos docentes, em busca da substituição da prática do ensino unidirecional para a bidirecionalidade, visando restabelecer a relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. Ele destaca o importante papel da interatividade no processo de construção do conhecimento, no qual o professor deixa de ser um mero transmissor do conteúdo e passa a ser fomentador de reflexões e questões mais complexas junto a seus alunos.

Especificamente sobre a inter-relação comunicação / educação e sua característica de dialogicidade / interatividade, Soares (1999) baseou-se em Dov Shinar, entre outros, para refletir também sobre a revolução causada à comunicação e ao conhecimento pelo computador, sendo que esse contexto parece sinalizar que a escola apresenta novas funções, como: permitir o contato humano, identificar problemas, processar informações, fornecer controle técnico e distinguir a realidade da ficção.

Soares (1999) discorre sobre a amplitude das influências que as diversas tecnologias exercem hoje na vida do homem atual, destacando que as pessoas “podem viver sem a Escola, porém já não vivem sem a Comunicação. É da Comunicação que alimentam seu imaginário, constroem suas representações, encontrando a síntese para a complexidade da vida moderna” (Soares, 1999, p.52). Ele cita Bisbal ao complementar que: “é nela que encontram o espaço da mediação social e de significação, para além da fragmentação e simplificação patrocinada pela ciência tradicional, reproduzida pela escola formal” (Soares, 1999, p.52).

Especificamente sobre a questão da interatividade, Silva (2002) esclarece que esta se caracteriza por ser a comunicação que se estabelece entre emissor e receptor entendido como co-criador da mensagem, um termo mais abrangente para retratar o diálogo e a reciprocidade nos tempos da cibercultura. Ao propor um modelo de sala de aula interativa, Silva (2002) esclarece que se abandona a transmissão “um-todos”, para se adotar o modelo “todos-todos”, sendo que a partir deste último, a aprendizagem se faz exatamente através do diálogo, o qual conecta emissor e receptor, tratando-os como pólos antagônicos e complementares, na co-criação da comunicação e da aprendizagem.

Exatamente por estar atenta a todo esse importante processo, que a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo tem dedicado especial atenção ao estudo das interfaces da Comunicação/Educação, área interdisciplinar emergente de grande importância para esses dois campos do saber. Em 1996, foi formado o Núcleo de Comunicação e Educação – NCE, composto por professores e pesquisadores, sendo que os mesmos têm realizado diversos estudos sobre essa temática. Sua equipe objetiva identificar caminhos para integração da comunicação melhor e mais eficaz no espaço educativo, objetivo este ratificado pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, especialmente através das Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.

Pesquisa temática coordenada pelo NCE e financiada pela FAPESP, entre os anos de 1997 a 1999, denominada de “A Inter-relação Comunicação e Educação no Âmbito da Cultura Latino-/Americana” (O Perfil dos Pesquisadores e Especialistas na Área), confirmou exatamente o surgimento de um novo campo do saber: a inter-relação Comunicação-Educação, também conhecida como Educomunicação. Esse já conquistou

autonomia e apresenta grande agilidade no processo de consolidação desse novo campo social (Soares, 1999).

Soares (1999) esclarece que a Educomunicação consiste num campo de convergência, não apenas das áreas de comunicação e educação, mas de todas as áreas das ciências humanas, e que tem a sua força na busca da cidadania e participação. Destaca algumas das divergências existentes entre os estudiosos de cada área, apontando que a educação formal observa a área de comunicação como ameaçadora à sua ortodoxia, enquanto que a comunicação entende a educação como algo fora do contexto do mercado. E lembra que o objetivo desse novo campo não é ocupar o lugar dos campos conhecidos hoje como de Educação e da Comunicação. Sua finalidade é estudar as interfaces entre eles, no sentido de contribuir para a identificação de novas metodologias de ensino, a partir da utilização de veículos de comunicação conhecidos e acessíveis, aos quais esses alunos já têm acesso em seu dia-a-dia.

A identificação deste campo mostrou também o conseqüente surgimento de um novo profissional: o Educomunicador. Este é o profissional que vai aplicar o que Soares (1999) chama de intencionalidade educativa à utilização dos processos, recursos e tecnologias da informação, objetivando uma mediação participativa e democrática da comunicação. Essa prática passa pela adoção das tecnologias visando a otimização das práticas educativas, tanto em termos de capacitar os próprios alunos ao uso das mesmas, como em termos de se obter uma recepção organizada, ativa e crítica das mensagens massivas. Soares comenta que:

“O campo próprio do Educomunicador é aquele que se estabelece com a busca da gestão democrática e criativa da ação comunicativa, o que inclui as já conhecidas áreas dos estudos da recepção e da educação para a comunicação, assim como as áreas das mediações tecnológicas em função da produção e do manejo do saber, levando as comunidades envolvidas a transformarem seus espaços educativos em ecossistemas comunicacionais expressivos. Em outras palavras, é a Gestão da Comunicação no Espaço Educativo o que garante o processo de constituição do novo campo” (Soares, 1999, p.41).

Ainda sobre a questão do surgimento do novo campo, ao se definir a Educação enquanto um processo a ser planejado e desenvolvido na busca por um determinado objetivo previamente traçado, o estudo da inter-relação Comunicação - Educação enfatiza a «interação dialética entre as pessoas e a sua realidade» (Soares, 1999), “onde todos os agentes do processo são emissores e receptores ao mesmo tempo”. Esta afirmação surgiu a partir da pesquisa mencionada, sobre o surgimento do campo da Educomunicação (anteriormente citada) desenvolvida pelo NCE.

A equipe do NCE, com base em seus resultados, tem planejado e coordenado a implantação de vários projetos considerando a importância dessa inter-relação comunicação – educação. Os relatórios resultantes desses projetos, elaborados pelos professores e mediadores atuantes nos mesmos, sobre as práticas desenvolvidas e seus resultados junto aos diversos perfis de públicos participantes, consistem em material indicativo riquíssimo sobre o que poderiam ser as bases do que alguns estudiosos já chamam de metodologia educacional comunicativa.

Muito se fala sobre o aspecto da transversalidade, pois toda a ação educativa é permeada pela comunicação. É um processo dialógico que reconhece o potencial de contribuição de todos que estão no processo, ou seja, aluno, professor e meios, entre outros. Como ressaltado anteriormente:

“as mudanças nas práticas de Educação para a Comunicação na América-Latina decorrem de uma revisão conceitual e programática à luz da denominada ‘teoria das mediações’, segundo a qual tanto os «media» exercem uma função de intermediação na produção da cultura, quanto o próprio «fenômeno da recepção» é mediado por instâncias da sociedade tais como a família, a escola, os grupos de

amizade, a Igreja, entre tantas outras”(Soares, 1999, p.33).

Barbero (sem data) destaca as mudanças nos territórios, o desordenamento dos saberes e a re-configuração da cidadania, observados a partir dessa inter-relação da comunicação / educação, os quais vão conectar as transformações dos modos de estar junto e os novos modos de comunicar e aprender.

Soares (1999) ressalta que o grande desafio é fazer com que a escola não apenas interaja com os campos de experiência onde essas transformações estão correndo, mas também que ela supere o que chama de «concepção instrumental dos meios e das tecnologias». Ou seja, “o grande desafio é a construção de um «projeto pedagógico que transforme a práxis da comunicação em qualquer contexto aprendente»” (Soares, 1999, p. 39).

Ao se destacar que a Educomunicação tem como duas de suas características básicas a dialogicidade e a gestão participativa, e que o local de construção do conhecimento nos dias atuais não se restringe mais ao ambiente escolar exclusivamente, começa-se a entender as razões pelas quais a utilização das metodologias com abordagem educacional passou a se estender para as empresas privadas, junto a seus projetos de educação formal – Universidades Corporativas com foco na atualização / formação profissional – e não-formal - temáticas socioambientais -, ambas ligadas a abrangentes programas de Sustentabilidade Corporativa, voltados a diversos de seus públicos de interesse («stakeholders»), na busca pelo desenvolvimento sustentável.

Esses programas de sustentabilidade empresarial têm se dedicado a trabalhar – minimizar, reduzir e até extinguir - os impactos negativos de suas ações econômicas junto a seus públicos de interesse, sendo que tais programas têm grande ênfase na re-educação desses «stakeholders» (acionistas, empregados, fornecedores, comunidade de entorno, governo e sociedade, meio ambiente) em áreas diversas, como educação formal - o constante treinamento e atualização de conhecimentos dos seus empregados nas diversas áreas de atuação da empresa - e informal – com ênfase na importância da recuperação e preservação do meio ambiente para a sustentabilidade do planeta.

Logo, a partir deste contexto de mudanças da sociedade como um todo, o qual afeta diretamente o cenário educacional e suas formas de comunicar, o que se pretende com esta apresentação inicial é propor um estudo sobre a forma como a metodologia educacional está sendo aplicada junto ao ambiente corporativo, presente mais especificamente em seus projetos de educação formal e não-formal, bem como que sejam identificadas ou até confirmadas as principais características da abordagem educacional junto a esse contexto empresarial.

A Era da Informação, Educação Corporativa e a Educomunicação

Em sua obra, Castells (1999) discorre sobre a Era da Informação e o surgimento dessas novas tecnologias digitais, destacando a transformação do trabalho e desse respectivo mercado, bem como a conseqüente necessidade que as empresas atuais têm de manter sua mão-de-obra atualizada e qualificada, no sentido de continuarem competitivas no mundo globalizado. Ele observa que o amadurecimento do que chama da revolução das tecnologias da informação modificou radicalmente o processo de trabalho ao introduzir novas formas de divisão de técnica e social de trabalho. Após uma análise abrangente do tema, ele esclarece que:

“... sob o paradigma informacional, os tipos de emprego mudam em quantidade, qualidade e na natureza do trabalho executado. Assim o novo sistema produtivo requer uma nova força de trabalho e os indivíduos e os grupos incapazes de adquirir conhecimentos informacionais poderiam ser excluídos do trabalho ou rebaixados” (Castells, 1999, p. 328).

Segundo Souza (2005), a nova sociedade do conhecimento tem como novos requerimentos para a educação, que os alunos saibam produzir, consumir e participar, sendo que isso significa um processo de atualização ao longo de toda vida.

Sobre esse cenário, Eboli (2004) destaca que até o surgimento da Era da Informação, o departamento de Treinamento & Desenvolvimento (T&D) das empresas tinha como principal objetivo o desenvolvimento de habilidades específicas dos empregados da empresa. O foco do treinamento era todo voltado para o aprendizado individual, sendo que o mesmo tinha como escopo o incentivo à execução de tarefas ligadas às atividades profissionais dos mesmos. O resultado final esperado era o aumento de suas habilidades. Com a evolução desta nova era, esse cenário foi diretamente afetado.

Eboli (2004) esclarece que essa necessidade apontada por Castells (1999), de qualificar os empregados fez surgir no mercado a educação corporativa, a qual consiste num sistema de formação de pessoas baseado em uma gestão de pessoas por competências, sendo que o departamento de T&D tem agora o objetivo de instalar e desenvolver nos empregados da empresa (internos e externos) as competências consideradas críticas para a viabilização das estratégias da empresa, a partir de um processo de aprendizagem ativo intimamente ligado aos propósitos, valores, objetivos e metas empresariais (Eboli, 2004).

Eboli (2004) explica, então, que quando do surgimento do movimento de educação corporativa, o departamento de T&D passou a ter como objetivo principal o desenvolvimento de competências específicas, cujo foco eram as estratégias da empresa. Ou seja, os treinamentos passam ter um foco estratégico, com incentivo à reflexividade, sendo que o resultado buscado é o aumento da produtividade.

Sobre as competências especificamente, Eboli (2004) esclarece que elas abrangem três características, quais sejam: conhecimento (compreensão de conceitos e técnicas = querer saber), habilidade (aptidão e capacidade de realizar = poder fazer) e a atitude (postura e modo de agir = querer fazer).

No Brasil hoje já existem mais de 200 Universidades Corporativas (UC's), sendo que um de seus principais objetivos é exatamente difundir o pensamento de que é o capital intelectual que será o fator de diferenciação competitiva ao longo deste milênio. Além disso, seus gestores buscam promover junto a seus talentos o hábito do aprendizado constante, estimular e organizar atividades de auto-desenvolvimento, bem como incentivar e reter os melhores profissionais, através do aumento da felicidade pessoal, propiciando um clima organizacional saudável (Eboli, 1999).

Várias delas já adotam o formato de ensino a distância – virtual e via satélite - para agilizar a atualização de seus empregados, fazendo uso de diversas ferramentas digitais para atingir esse objetivo, como fóruns, chats, blogs, wikis e podcasts, entre outros. Essa prática parece sinalizar a adoção da abordagem educacional, no sentido de fomentar a construção conjunta do conhecimento e consequente gestão da informação gerada. Resultado este passível de ser otimizado através da adoção de uma abordagem educacional, que propicie o estímulo à interatividade / dialogicidade.

EAD – Educação a Distância e Interatividade

A Educação a Distância (EAD) consiste num processo de mediação entre aluno e professor / tutor / instrutor, o qual se dá através de tecnologias de informação e comunicação. Trata-se de um processo interativo de aprendizagem, centrado no aluno. A EAD possibilita um grau de flexibilidade que o formato presencial não conseguiria oferecer, em termos de horários, de professores e, dependendo da estrutura e organização do curso, até de interatividade. Além disso, seus custos reduzidos de implantação, quando comparados aos custos do formato presencial, especialmente no caso de empresas com plantas de fábrica espalhadas por todo o

Brasil, tornam este modelo ainda mais atraente.

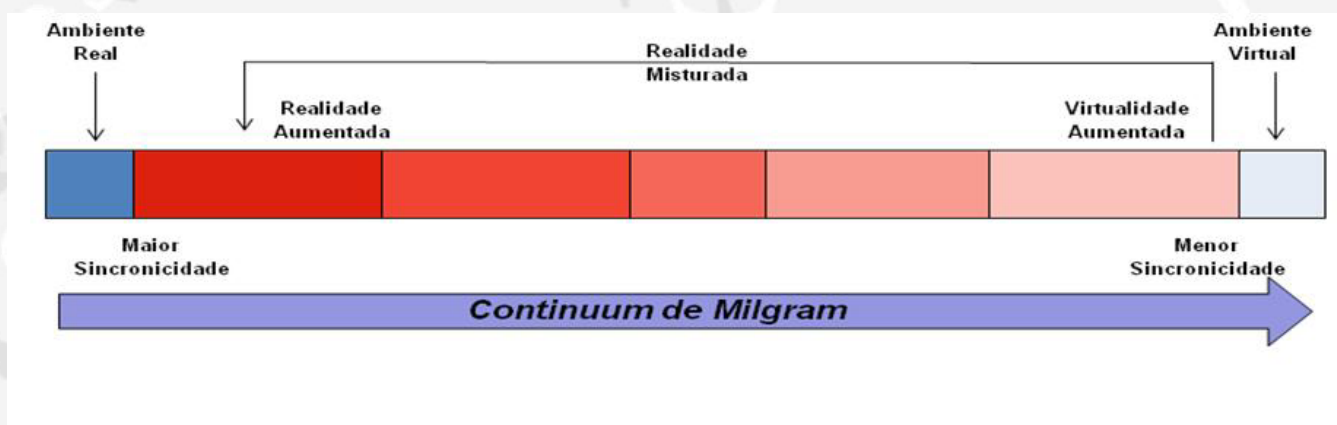
De fato, a EAD é bem antiga, sendo que ao longo do tempo as tecnologias mediadoras do processo é que foram sendo substituídas. Houve EAD por correspondência, formato este que praticamente se extinguiu em meados dos anos de 1990. Em função da dimensão continental de nosso país e de sua diversidade social, atualmente encontramos EAD por rádio, televisão aberta, televisão corporativa (vídeos pré-gravados), por CD ou DVD, por e-learning, e mais recentemente, por videoconferência via internet e via satélite.

Cada um dos formatos acima apresentados tem suas vantagens e desvantagens, sendo que vários cursos se utilizam de dois ou mais desses formatos, a fim de atingir o objetivo de aprendizagem, como, por exemplo, os cursos que mesclam o e-learning, através do uso de chats – interatividade síncrona – e de fóruns (interatividade assíncrona), com videoconferência via webcast / internet (síncrona) ou via satélite (síncrona). Nestes casos, há ainda a possibilidade de se gravar as aulas presenciais e disponibilizá-las posteriormente no formato de VT, para que os alunos possam revê-la. Esses formatos misturados são também conhecidos como formatos de «blended learning» (Tori, 2008).

Como dito anteriormente, a Era da Informação trouxe uma noção nova de tempo e espaço. Com o intuito de ilustrar melhor como o processo educacional pode variar em termos de espaço, Tori (2008) destaca que já são comuns dois ambientes distintos: o presencial ou virtual. O ambiente presencial corresponde àquele onde todas as atividades são realizadas no espaço físico real, como na aula presencial tradicional. Já o ambiente virtual apresenta atividades realizadas no ciberespaço, através da disponibilização de mensagens no fórum, da realização de chats via internet, ou mesmo de um simulador de realidade virtual (RV).

Tori (2008) faz uso do chamado «Continuum de Milgram», para explicar que:

“O desenvolvimento da tecnologia de realidade aumentada (RA) e suas variações, realidade misturada (RM) e virtualidade aumentada (VA), possibilita que se preencha o espectro que separa o real do virtual com atividades que sobrepõem ambos, em diferentes proporções, em um mesmo ambiente” (Litto & Formiga, 2008, p. 124).

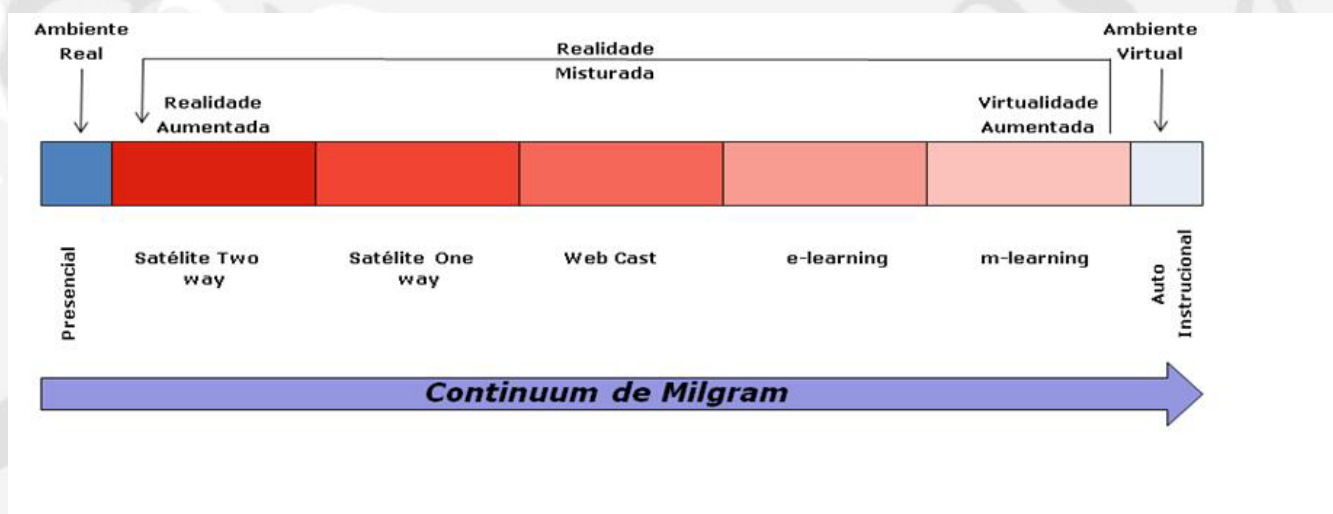


Segundo Tori e Kirner (2006), a «realidade aumentada»:

“... possibilita o enriquecimento de um ambiente real com elementos virtuais, que podem ir de simples projeções sobre objetos físicos, alterando a visualização de suas texturas, a projeções holográficas de personagens virtuais 3-D que interagem com pessoas reais como se também reais fossem. Já a «virtualidade aumentada» insere elementos capturados do mundo físico em tempo real, como o vídeo

de uma pessoa, e os inclui em um ambiente virtual, como o cenário de um videogame, permitindo que elementos virtuais e reais interajam entre si como se efetivamente compartilhassem o mesmo ambiente. A «realidade misturada», por sua vez, é uma denominação mais genérica que engloba RA e RV, incluindo aplicações que misturam real e virtual em proporções que tornam difícil a identificação de qual dos ambientes é o predominante” (Litto & Formiga, 2008,p. 124).

Ao pensarmos esse «continuum» a partir das tecnologias de EAD disponíveis atualmente no mercado educacional, poderíamos fazer uma adaptação do esquema acima, como segue abaixo:



Sobre a nova percepção do tempo aplicada ao contexto da EAD, fala-se em interações síncronas (realizadas em tempo real) e assíncronas (ocorrem em tempos diferentes). A realização de um chat seria um encontro síncrono e a disponibilização de mensagens de vários alunos em um mesmo fórum, em dias e horários diferentes uns dos outros, corresponde a encontros assíncronos. Tori (2008) fala também do «continuum» síncrono/assíncrono, destacando que há, na verdade, “diferentes gradações de atrasos em função do meio de comunicação empregado em uma atividade educacional” (Litto & Formiga, 2008, p. 125).

Essas novas noções de tempo e espaço estão fazendo com que a questão da interatividade voltada ao aprendizado seja repensada e, conseqüentemente, isto parece estar resultando num planejamento educacional que tem por base a abordagem educacional, no sentido de se utilizar as tecnologias educacionais não apenas como meros instrumentos, mas buscando uma mediação participativa e democrática da comunicação.

Especificamente sobre a interatividade, Tori (2008) destaca que sua gradação pode variar de passiva até interativa, sendo que o grau de interação entre os alunos varia com base nas tecnologias e ferramentas educacionais disponíveis, bem como em função de fatores sociais, conjunturais e psicológicos desses alunos. E esclarece que a presença ou não de interatividade pode ser identificada a partir de três características básicas, quais sejam: a frequência (quantas vezes é possível interagir), abrangência (quais os tipos disponíveis de interação) e significância (qual a importância da interação para a construção do conhecimento em estudo).

Conclusão

As transformações causadas pela Era da Informação junto à sociedade e aos diversos campos que a compõem, como a Educação e Comunicação, são irreversíveis. Portanto, é importante que se busque novas práticas para

o que Soares (1999) chama de uma melhor e mais eficaz integração da comunicação no espaço educativo. Essas novas práticas consistem na adoção dessas novas tecnologias objetivando a otimização das práticas educacionais, tanto para a capacitação dos alunos ao uso delas, como para obtenção de uma recepção melhor organizada, ativa e crítica das mensagens. Trata-se, pois, de inserir intencionalidade educativa à utilização dos processos, recursos e tecnologias da informação, exatamente na busca do que Soares (1999) chama de mediação participativa e democrática da comunicação.

Frente ao que foi exposto sobre as práticas de EAD e da diversidade de tecnologias educacionais existentes nos dias atuais, a abordagem educomunicativa parece estar sendo adotada nesses processos, sendo que é importante que se conheça mais detalhadamente as características dessa abordagem junto a esses processos de educação corporativa que estão fazendo uso de todas as tecnologias apresentadas, visando uma interatividade que otimize a construção do conhecimento por parte de seus empregados.

Bibliografia:

- CASTELLS, Manuel. «A Sociedade em Rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura - Vol. I». São Paulo, SP, Paz e Terra, 1999.
- EBOLI, Marisa. «Educação corporativa no Brasil - mitos e verdades». São Paulo: Gente, 2004.
- _____. «Universidades Corporativas». Brasília: USP/PROGEP, 1999.
- LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). «Educação a Distância – estado da arte». São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2008.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. «Ofício do cartógrafo- Travessias latino-americanas da comunicação na cultura». São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. Cultura y Nuevas mediaciones tecnológicas. In: MARTIN-BARBERO, Jesús. «América-latina: otras visiones de La cultura», CAB, Bogotá, 2005.
- _____. Ensanchando territórios en Comunicación/Educación, in VALDERRAMA, Carlos. «Comunicación & Educación», sem data, pg. 101-113.
- RICARDO, Eleonora Jorge (org.). «Educação Corporativa e Educação a Distância». Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.
- SATHLER, Luciano; JOSGRILBERG, Fábio; AZEVEDO, Adriana Barroso. «Educação a Distância – uma trajetória colaborativa». São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- SILVA, Marco. «Sala de Aula Interativa». Rio de Janeiro: Quarteto, 2000.
- SOARES, Ismar de Oliveira. «Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais», in Contato, Brasília, Ano I, N.I, jan/mar, 1999, pg. 19-74.
- _____. «Tecnologia da Informação e novos atores sociais». Revista Comunicação e Educação, no. 4, São Paulo, Moderna/ECA-USP, 1995.
- _____. «Gestão da Comunicação no Espaço Educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional». Apostila disciplina “Educomunicação”.
- SOUZA, Paulo Renato. «A revolução gerenciada- educação no Brasil 1995-2002». São Paulo: Financial Times Br, 2005.
- TORI, Romero. Cursos híbridos ou blended learning. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). «Educação a Distância – estado da arte». São Paulo: Pearson/ Prentice Hall, 2008, p. 121-128.
- TORI, R.; KIRNER, C. «Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada». Porto Alegre: SBC, v.1, 2006, 422p. Disponível em www.interlab.pcs.poli.usp.br.

Mini Currículo :

Mestranda em Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. Especialista em Gestão de Organizações de Terceiro Setor, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e graduada em Administração de Empresas com ênfase em Marketing, pela EAESP - Fundação Getúlio Vargas. Cursos de extensão em Docência e Tutoria pela FGV-RJ. Curso de extensão em Planejamento e Gestão de EAD, pela FGV-SP. Endereço eletrônico: lferraz@uol.com.br. Orientador: Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares.